



A Competitividade e a Diversificação da Fileira Florestal Portuguesa

Elsa de Morais Sarmento / Vanda Dorez / Guida Nogueira DEGEI, Universidade de Aveiro e Banco Mundial / GEE, Ministério da Economia e do Emprego / GEE, Ministério da Economia e do Emprego

abstract

Despite the unfavourable economic situation in the years following 2008, the export orientation of the Portuguese Forestry sector continued to expand. This paper deepens the study of its export performance and diversification, and provides a comparative analysis of worldwide competitiveness using a wide range of instruments, such as market shares and revealed comparative advantage indexes. In 2010, Forestry became the fourth sector with the highest national comparative advantage. Worldwide, Portugal is the sixth country with the highest comparative advantage and exhibits the 22nd highest world export share. The statistical delimitation of the Forestry «sector», as defined in this study, dwells on a comprehensive selection process of forestry products, at the highest level of disaggregation of the Combined Nomenclature (CN) of International Trade, which resulted in a list of 413 CN-8 codes.

resumo

Apesar da conjuntura desfavorável verificada após o ano de 2008, a orientação exportadora da Fileira Florestal para o mercado externo continuou a expandir-se. Este trabalho aprofunda o estudo da sua orientação exportadora e diversificação, e fornece uma análise comparada de competitividade a nível mundial, recorrendo a um conjunto vasto de instrumentos, como as quotas de mercado no mundo e as vantagens comparativas reveladas. Em 2010, a Fileira Florestal tornou-se o quarto «sector» nacional com maior vantagem comparativa. A nível mundial, Portugal é sexto neste ranking e auferiu o 22.º lugar na quota mundial de exportação. A delimitação estatística do que intitulámos a «Fileira Florestal», resulta de um trabalho criterioso de selecção e validação do contexto e da importância de cada produto, ao nível mais desagregado da Nomenclatura Combinada (NC) do Comércio Internacional, de onde resultou uma lista de 413 códigos da NC-8.

JEL: Q23, F14

1. Introdução



A Fileira Florestal é um setor eminentemente voltado para o exterior, com uma forte tendência exportadora com raízes históricas (Pestana e Ticono, 2009; Devy-Vareta, 1985). Este representa um dos setores tradicionais de exportação portuguesa (Associação para a Competitividade da Indústria Florestal, 2010; Associação Empresarial de Portugal, 2008; Barradas, 2002; Marques, 2010a; Marques, 2010b; Ferreira do Amaral, 2006; Sarmento, 2007).

A produção da indústria florestal em Portugal é composta por produtos transaccionáveis, fortemente internacionalizados, sendo um dos sectores industriais líderes e o maior exportador líquido. A orientação sectorial para o mercado externo tem vindo a crescer (Valverde *et al.*, 1999), de um modo bastante mais pronunciado em anos mais recentes. As exportações da Fileira Florestal têm conhecido nos últimos anos um dinamismo assinalável, através de um crescimento anual sustentando, assumindo os mercados terceiros (comércio extra-comunitário) um papel crescente, dinamizador de novos operadores e de novos produtos. O desempenho das trocas comerciais dos produtos da Fileira Florestal tem ainda contribuído de forma significativa para a recuperação do saldo da Balança Comercial e consequentemente para a redução do desequilíbrio das contas externas.

Todavia, a Fileira Florestal tem sofrido o impacto das mudanças de contexto da economia nacional e global. Neste âmbito, relevam-se três os factores primordiais: a integração de Portugal na União Europeia, a adesão de Portugal a diversos tratados e convénios internacionais, nomeadamente em domínios ambientais e climáticos, e a evolução das regras do comércio internacional, nomeadamente a nível da Organização Mundial do Comércio (OMC), (Direcção Geral dos Recursos Florestais, 2006).

O grande valor acrescentado deste trabalho, para além da exaustividade da análise por produto e mercado de origem e destino, é a definição criteriosa do que são os produtos transaccionados pela Fileira Florestal, no que diz respeito à sua identificação segundo o nível máximo de desagregação da classificação estatística do comércio internacional, a 8 dígitos.

Na secção seguinte, descrevem-se os pressupostos metodológicos adoptados na definição da Fileira Florestal. De seguida, apresenta-se um resumo da importância da Fileira Florestal para o sector exportador português. A secção 3 caracteriza a evolução dos fluxos de exportação da Fileira Florestal e a secção 4 os principais mercados de destino dos produtos florestais. A secção 5 aborda a intensidade tecnológica das exportações, enquanto a secção 6 apresenta os principais indicadores de comércio externo. A secção 7 apresenta uma análise comparativa de competitividade e a secção 8 sumariza as principais conclusões do estudo.

2. Aspectos Metodológicos

A Fileira Florestal, composta por indústrias extrativas de recursos naturais e indústrias transformadoras heterogéneas, integra um conjunto alargado de atividades industriais e uma enorme diversidade de produtos. A delimitação da Fileira Florestal no que diz respeito ao comércio internacional resulta de um trabalho de investigação criterioso, de ponderação e validação do contexto e da importância de cada produto para a Fileira Florestal. Esta procurou identificar ao nível mais detalhado da Nomenclatura Combinada do Comércio Internacional (8 dígitos), as componentes consideradas relevantes para a constituição dos grupos de produtos da Fileira Florestal transaccionados a nível internacional. Em suma, adoptou-se uma abordagem que pudesse contemplar todos os sectores e produtos relevantes, atendendo a critérios abrangentes de delimitação a montante e a jusante da fileira.

Deste trabalho, resultou uma extensa lista onde se incluem 413 códigos da Nomenclatura Combinada (NC2011) a 8 dígitos, no que diz respeito à «Madeira em bruto e Lenha», à «Serração, aplainamento e impregnação da madeira», «Artigos de Madeira», «Cortiça natural»,



«Cortiça Aglomerada», «Pasta de papel», «Papel e cartão», «Produtos químicos resinoso» e «Mobiliário de Madeira»¹ (ver Anexo).

A identificação das atividades económicas teve por base o nível de detalhe das nomenclaturas de ramos de atividade das Contas Nacionais Anuais Portuguesas (CNAP), disponibilizado para o ano base de referência 2006 (NRCN06). Com base no nível de desagregação a 2 dígitos das CNAP foram identificadas as diferentes «indústrias florestais» compatíveis com os produtos identificados a nível da Nomenclatura do Comércio Internacional:

- Indústria da madeira, cortiça e suas obras, exceto mobiliário, obras de espartaria e cestaria (ramo 16 da NRCN06)
- Fabricação da pasta, do papel, de cartão e seus artigos (ramo 17 da NRCN06)
- Fabricação de mobiliário e de colchões (ramo 31 da NRCN06).

A terminologia adoptada considera que a designação «Importações» corresponde ao somatório das «Expedições» de mercadorias oriundas da UE com as «Importações» de Países Terceiros, assim como a designação «Exportações» corresponde ao somatório das «Saídas» de mercadorias oriundas da UE com as «Exportações» de Países Terceiros. Os dados apresentados para o comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas, assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

3. A Relevância da Fileira Florestal como Indústria Exportadora

A Fileira Florestal assume grande importância em termos económicos e sociais, não só pelo contributo das suas exportações para o PIB nacional (2,5% em 2011 e 1,9% em 2010), como para o Valor Acrescentado Bruto (VAB) e para o emprego da economia (1,3% e 1,9% em 2009, respectivamente), de acordo com os dados das Contas Nacionais do INE (Dores e Sarmento, 2011), mas também pelo seu importante contributo para o crescimento das exportações portuguesas.

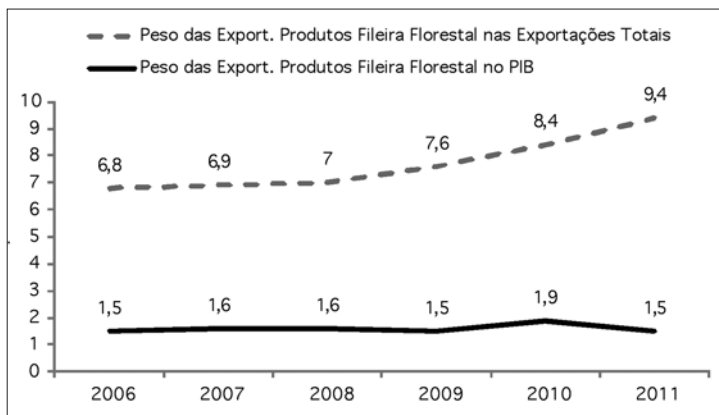
Os produtos Florestais apresentam um peso relativamente mais significativo nas exportações de bens do que na maioria dos agregados macroeconómicos das Contas Nacionais (Dores e Sarmento, 2011). Em 2011, representaram 9,4% das exportações totais de bens, superiores ao valor dos 5 anos anteriores (Figura 1). Esta é efectivamente uma indústria com forte pendor exportador, responsável por uma parte importante do comércio externo português.

As exportações de produtos da Fileira Florestal representaram em 2010, na UE-27, cerca de 1,2% do PIB comunitário (Quadro 1). O crescimento do peso da Fileira Floresta, entre 2009 e 2010, foi bastante superior em todos estes países à média verificada no conjunto da UE-27 (0,1 p.p.), tendo Portugal, que ocupa a 13.^a posição, crescido apenas 0,3 p.p. face a 2009.

Os dados patentes no Quadro 2, centrados nos anos mais recentes, entre 2006 e 2009, revelam que quase metade da produção dos produtos da Fileira Florestal têm como destino o mercado externo. O excelente desempenho deste sector está também patente no incremento do peso das exportações na produção destes produtos no período em análise (+4,8 p.p.).

Apesar do quadro de contracção económica registado em 2008 e 2009, que atingiu toda a estrutura produtiva do país, a orientação exportadora registou um acréscimo de 3,4 p.p. face a 2008, o mesmo sucedendo em 2007 relativamente a 2006 (+0,7 p.p.).

¹ Na delimitação estatística da Fileira Florestal excluiu-se deliberadamente a Silvicultura, prevalecendo os produtos mais ligados à cadeia de transformação do sector industrial. Este trabalho teve como objectivo não só produzir uma maior harmonização dos produtos derivados da Floresta, que pudesse ser utilizada futuramente para a caracterização da «Fileira Florestal», mas também para suportar o desenho de políticas públicas mais genéricas, dedicadas ao fomento das exportações e internacionalização das empresas neste sector específico. As medidas de apoio destinadas à Silvicultura são habitualmente desenhadas na esfera de actuação da política agrícola.

Figura 1 – Peso da Fileira Florestal no PIB e na Exportação Portuguesa, 2006-2011

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do INE, Contas Nacionais Anuais (Base 2006) e Estatísticas do Comércio Internacional.

Quadro 1 – Peso das Exportações dos Produtos da Fileira Florestal dos Países da UE27 no PIB, Ordenação de acordo com o Valor de 2010

Rank 2010		2009	Rank 2010		2009
1	Estónia	6,4	15	Luxemburgo	1,4
2	Letónia	4,8	16	Bulgária	0,9
3	Finlândia	5,1	17	Alemanha	1,1
4	Lituânia	3,9	18	Holanda	1,0
5	Suécia	4,4	19	Dinamarca	1,1
6	Eslovénia	4,1	20	Itália	0,8
7	Eslováquia	3,8	21	Espanha	0,5
8	Rep. Checa	2,8	22	França	0,5
9	Polónia	2,8	23	Irlanda	0,3
10	Austria	2,7	24	Reino Unido	0,3
11	Bélgica	2,1	25	Grécia	0,1
12	Hungria	2,0	26	Chipre	0,1
13	Portugal	1,7	27	Malta	0,1
14	Roménia	1,7	UE-27		1,1

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados de base do comércio internacional da ONU – Comtrade e do Fundo Monetário Internacional (FMI), outubro de 2011).



A análise da evolução das exportações deste tipo de produtos reflecte o comportamento positivo das indústrias que o compõem, que têm vindo a revelar uma forte resiliência à crise e tendência exportadora, responsável por uma parte importante e significativa do comércio externo português.

A maior orientação exportadora reside nos produtos do «Papel e Cartão e seus Artigos» (Louro et al., 2010; Marques, 2010a; Martins, 2007). A observação do Quadro 2 indica que, não obstante o decréscimo registado em 2008, justificado em grande parte fortemente pelo contexto de redução dos fluxos de comércio da produção mundial, em 2009, cerca de 61% da produção de «Papel e Cartão e seus Artigos» foi alvo de procura externa, à semelhança do sucedido em 2006.

Quadro 2 – Orientação Exportadora dos Produtos da Fileira Florestal, 2006 a 2009

	2006	2007	2008	2009	2006	2007	2008	2009
	%				Variação (p.p.)			
Fileira Florestal	44,5	45,2	45,9	49,3	0,7	0,7		3,5
Madeira e cortiça e suas obras (...)	40,7	40,5	40,5	43,6	-0,2	0		3,1
Papel e cartão e seus artigos	61	61,4	60,9	61	0,3	-0,5		0,2
Mobiliário	26,5	29,7	32	38,8	3,2	2,4		6,8

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do INE, Contas Nacionais Anuais Definitivas (Base 2006).

Nota: Orientação Exportadora = (Exportações / Produção) x 100.

4. Evolução do Comércio Externo da Fileira Florestal

4.1. Balança Comercial

A Fileira Florestal é das indústrias que apresenta maior proporção de valor acrescentado nacional, 71,4% por unidade exportada, acima da média nacional de 59,3% (Leão e Alves, 2011). Notoriamente, a elevada proporção de conteúdo nacional incorporado confere-lhe um interesse estratégico nacional, na medida em que se posiciona visivelmente como importante contribuinte líquido para a redução do défice crónico da Balança de Transacções Correntes.

A Balança Comercial florestal, tradicionalmente positiva (Marques, 2010a e 2010b; Observatório dos Mercados Agrícolas e das Importações Agro-Alimentares, 2009; Barradas, 2002), tem vindo a registar sucessivas melhorias na taxa de cobertura das exportações pelas importações (Quadro 3). Em 2011, situou-se em 203,5%, demarcadamente acima da média nacional (73,4%), com um crescimento das exportações (27,8%), bastante superior à das importações (3,5%). A «Pasta de Papel» e a «Cortiça» são os segmentos que apresentam as maiores taxas de cobertura das importações pelas exportações, no entanto a melhoria do saldo da Balança Comercial, mais acentuada desde 2010, reflecte principalmente uma viragem importante no segmento do «Papel e Cartão», onde Portugal é produtor de referência. Em 2010, a balança comercial neste segmento passou a ser vantajosa para Portugal com uma taxa de cobertura de 112,3%, espelho de um importante e estratégico processo de integração da produção nacional de pasta nos ciclos produtivos de papel. Portugal assume-se agora como produtor de referência no sector de papel.

A observação por secção da Nomenclatura Combinada revela que são os produtos da Fileira Florestal que conseguem obter o saldo comercial mais elevado (Figura 2).

Quadro 3 – Balança Comercial Portuguesa de Produtos da Fileira Florestal

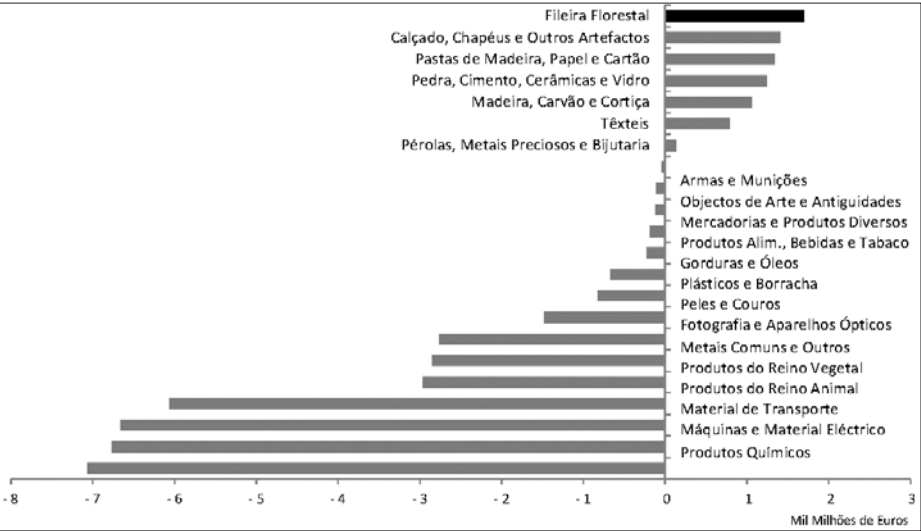


		Milhões de Euros					
(Intra + Extra UE)		2006	2007	2008	2009	2010	2011
Balança Comercial Portuguesa							
Exportações (Fob)		35.640	38.294	38.847	31.697	36.762	42.357
T.v.h. (%)			7,4	1,4	-18,4	16,0	15,2
Importações (Cif)		56.295	59.927	64.194	51.379	57.053	57.685
T.v.h. (%)			6,5	7,1	-20,0	11,0	1,1
Saldo (Fob-Cif)		-20.654	-21.632	-25.347	-19.682	-20.291	-15.328
T.v.h. (%)			4,7	17,2	-22,3	3,1	-24,5
Tx de cobertura (Fob/Cif)		63,3	63,9	60,5	61,7	64,4	73,4
Balança Comercial Fileira Florestal							
Exportações (Fob)		2.440	2.655	2.705	2.421	3.100	3.963
T.v.h. (%)			8,8	1,9	-10,5	28,0	27,8
Importações (Cif)		2.035	2.252	2.233	1.886	1.882	1.948
T.v.h. (%)			10,7	-0,8	-15,6	-0,2	3,5
Saldo (Fob-Cif)		405	403	472	535	1.217	2.015
T.v.h. (%)			-0,6	17,1	13,4	127,6	65,5
Tx de cobertura (Fob/Cif)		119,9	117,9	121,1	128,4	164,7	203,5

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Comércio Internacional do INE.



Figura 2 – Saldo Comercial com o Mundo por Secções da Nomenclatura Combinada, 2010



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Comtrade, das Nações Unidas.

Nota: (1) A extração de dados da base de dados da UN-Commtrade foi efectuada ao nível da NC-6, nível máximo de detalhe disponível nesta base de dados.

4.2. Exportações de Produtos

Em termos estruturais, o mercado português de produtos Florestais é tradicionalmente exportador de «Pasta de Papel, Papel e Cartão» e «Cortiça» e importador de «Madeira» (Marques, 2010a e 2010b). Concretamente na produção de Pasta de Papel, Portugal foi o terceiro maior produtor em 2010, com 8,8% do total da UE-27, de acordo com os dados do Eurostat.

A Fileira Florestal tem vindo a consolidar uma posição de referência no contexto das exportações portuguesas de bens pela sua boa performance de crescimento e pela crescente representatividade no total. Em 2009, destaca-se pela sua resiliência em contexto de crise, ao registar uma contracção inferior à média nacional (-10,5% contra -18,4%). Mais recentemente destaca-se por uma aceleração do seu ritmo de crescimento (Quadro 4). Em 2010, esta rubrica representou 8,4% do total das exportações nacionais (contra 7,6% em 2009) e a sua dinâmica de crescimento, reconhecidamente superior à média nacional (28,0% contra 16,0%) determinou uma alavancagem de 13,4% do total das exportações portuguesas. Em 2011, prevaleceu uma trajectória de crescimento robusto distintamente acima da média (27,8%) que acentuou o peso da Fileira Florestal no total das exportações nacionais em 1 p.p. relativamente a 2010, sugerindo a sustentabilidade do processo de crescimento.

A «Pasta de papel, Papel e Cartão» e a «Cortiça», fortemente vocacionadas para a exportação, são as subfileiras âncora da Fileira Florestal. No seu conjunto, em 2011, representaram 71,5% do conteúdo exportado desta rubrica e 6,7% do total das exportações portuguesas de bens. Em 2009, a resiliência da Fileira Florestal deveu-se fundamentalmente à boa performance da «Pasta de Papel». No entanto o principal motor da recente aceleração do ritmo de crescimento da Fileira Florestal é predominantemente o «Papel e Cartão», reflectindo o arranque da nova fábrica de papel do grupo Portucel Soporcel em Setúbal em 2010.

Quadro 4 – Conjunto das Exportações de Produtos Portugueses da Fileira Florestal

	Valores em 1000 Euros				Peso no total da Fileira Florestal (%)				Peso no total das Exportações (%)				Taxas de variação e contributos					
	2008	2009	2010	2011	2008	2009	2010	2011	2008	2009	2010	2011	10/09	Contributos				
														p.p.	%	%		
																	p.p.	%
Total Exportações Portuguesas	Total Fileira Florestal																	
	Madeira																	
	Madeira em bruto e lenha																	
	► Madeira em bruto																	
	- de carvalho, faias, choupo, bétula e outras																	
	- de eucalipto																	
	- tropical																	
	- de coníferas																	
	► Lenha																	
	Serração, apilamento e impregnação da madeira																	
	► madeira serrada, cortada transversalmente ou desenrolada, com espessura superior a 6 mm																	
	- outras madeiras																	
	- madeiras tropicais																	
	- madeiras de coníferas																	
	► Madeira perfurada (com canturas, entalhes, etc.), mesmo apilada, lavada ou unida pelas extremidades																	
	► madeira tratada com agentes de conservação																	
	- outra madeira serrada																	
	Antigos de madeira																	
	► Painéis de fibras de madeira, mesmo aglomerados com aglutinantes orgânicos																	
	► Obras de marcenaria e carpintaria para construções, incluindo painéis celulares, para revestimento de pavimentos e fustas para tetos																	
	► Fustas para tetos, contrapicados ou para madeiras estratificadas, de espessura até 6 mm																	
	► Painéis de partículas de madeira, painéis OSB e semelhantes, mesmo aglomerados com aglutinantes orgânicos																	
	► Caixas, caixotes, grades, carretilhas, paletes, estrados e tapais, de madeira																	
► Outras obras de madeira																		
Cortica natural	Cortica																	
	► Cortica natural em bruto, despoletada, cortada inturada, granulada ou pulverizada																	
	► Rolhas e outras vordres de cortica natural																	
	► Cortica natural, sem a crosta, esquadriada, em cubos, chapas, folhas ou tiras																	
	Cortica aglomerada																	
	► Rolhas de cortica aglomerada																	
	► Cubos, chapas, folhas, ladrilhos, etc., com aglutinantes																	
	► Outras obras de cortica aglomerada																	





Quadro 4 – Conjunto das Exportações de Produtos Portugueses da Fileira Florestal (continuação)

	Valores em 1000 Euros						Peso no total da Fileira Florestal (%)			Peso no total das Exportações (%)			Taxas de variação e contributos			
	2008	2009	2010	2011	2009	2010	2011	2009	2010	2011	10/09	2010		2011		
												p.p.	%			
Pasta de papel	886.950	870.948	1.450.353	2.072.427	36,0	46,8	52,3	2,7	3,9	4,9	66,5	42,9	1,8	11,4	1,7	11,1
► Pastas químicas de madeira, à soda ou ao sulfato, excepto para dissolução	207.444	234.343	337.807	435.316	9,7	10,9	11,0	0,7	0,9	1,0	44,2	28,9	0,3	2,0	0,3	1,7
► Pastas químicas de madeira, ao bisulfito, excepto para dissolução	159.671	196.189	280.195	390.607	8,1	9,0	9,6	0,6	0,8	0,9	42,8	35,8	0,3	1,7	0,3	1,8
► Outras pastas de papel	47.134	37.439	56.773	53.711	1,5	1,8	1,4	0,1	0,2	0,1	51,6	-5,4	0,1	0,4	0,0	-0,1
Papel e cartão	649.506	636.605	1.112.546	1.637.112	26,3	35,9	41,3	2,0	3,0	3,9	74,8	47,2	1,5	9,4	1,4	9,4
► Papel e cartão, excepto canalado	390.419	389.622	833.380	1.306.878	16,1	25,9	33,0	1,2	2,3	3,1	113,9	56,8	1,4	8,8	1,3	8,5
► Papel e cartão revestidos de caulino ou outras substâncias orgânicas, em rolos ou folhas	18.606	8.218	17.081	18.691	0,3	0,6	0,5	0,0	0,0	0,0	107,9	9,4	0,0	0,2	0,0	0,0
► Papel e cartão pastas e mantas de celulose, revestidos, coloridos, decorados ou impressos, em rolos ou folhas	19.887	21.951	17.686	19.375	0,9	0,6	0,5	0,1	0,0	0,0	-19,4	9,5	0,0	-0,1	0,0	0,0
► Papel de jornal em rolos ou folhas	190.069	238.610	620.840	1.098.766	9,9	20,0	27,7	0,8	1,7	2,6	160,2	77,0	1,2	7,5	1,3	8,5
► Outro papel e cartão não revestidos, em rolos ou folhas	836	1.257	2.124	2.873	0,1	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	69,0	35,2	0,0	0,0	0,0	0,0
► Papel e cartão kraft não revestidos	151.911	108.112	152.814	150.159	4,5	4,9	3,8	0,3	0,4	0,4	41,3	-1,7	0,1	0,9	0,0	0,0
► Papel para tocadouro, toalhais, guardanapos, papel higiénico, estampados, decorados ou impressos, em rolos ou folhas	2.901	7.490	18.216	11.032	0,3	0,6	0,3	0,0	0,0	0,0	143,2	-39,4	0,0	0,2	0,0	-0,1
► Papel e cartão por colagem de folhas sobrepostas, não revestidos ou imprugnados, em rolos ou folhas	4.776	2.794	3.219	4.509	0,1	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	15,2	40,1	0,0	0,0	0,0	0,0
► Outro papel e cartão acima não incluídos	1.433	1.190	1.399	1.473	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	17,6	5,3	0,0	0,0	0,0	0,0
Papel e cartão canalados e obras de papel e cartão	213.405	210.650	215.281	259.983	8,7	6,9	6,6	0,7	0,6	0,6	2,2	20,8	0,0	0,1	0,1	0,8
► Papel de tocadouro, toalhais, guardanapos, papel higiénico, lenços, fraldas, lençóis, em rolos ou folhas, vestuário, pensos e tampões higiénicos	65.758	67.571	71.346	80.657	2,8	2,3	2,0	0,2	0,2	0,2	5,6	13,1	0,0	0,1	0,0	0,2
► Cuias, sacos, catifechos e outras embalagens de papel e cartão e cartõnagens para escritórios e semelhantes	97.701	96.080	91.570	114.106	4,0	3,0	2,9	0,3	0,2	0,3	-4,7	24,6	0,0	-0,1	0,1	0,4
► Etiquetas de papel ou cartão, mesmo impressas	11.143	9.994	14.909	22.482	0,4	0,5	0,6	0,0	0,0	0,1	49,2	50,8	0,0	0,1	0,0	0,1
► Livros de registo, blocos diversos, papel de carta, agendas, cadernos, pastas e álbuns, de papel ou cartão	13.692	15.617	13.229	13.786	0,6	0,4	0,3	0,0	0,0	0,0	-15,3	4,2	0,0	0,0	0,0	0,0
► Envelopes	3.766	3.545	3.163	3.417	0,1	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	-10,8	8,0	0,0	0,0	0,0	0,0
► Carretéis, bobinas, tubos, candelas e semelhantes, de papel ou cartão	4.515	3.689	5.355	5.252	0,2	0,2	0,1	0,0	0,0	0,0	45,2	-1,9	0,0	0,0	0,0	0,0
► Papel e cartão canalados	1.682	994	1.174	975	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	18,1	-17,0	0,0	0,0	0,0	0,0
► Outros papéis e cartões acima não incluídos	14.108	12.390	13.414	17.553	0,5	0,4	0,4	0,0	0,0	0,0	8,3	30,9	0,0	0,0	0,0	0,1
Resíduos e aparas de papel e cartão para reciclar	48.681	39.333	63.885	70.251	2,7	2,1	1,8	0,1	0,2	0,2	78,8	10,0	0,1	0,5	0,0	0,1
► Resíduos químicos resinosos	36.435	66.449	70.809	144.926	1,5	2,3	3,9	0,2	0,2	0,4	6,6	118,4	0,0	0,1	0,2	1,5
► Colónias e ácidos resinosos e seus derivados	31.969	61.765	65.497	145.338	2,6	2,1	3,7	0,2	0,2	0,3	6,0	122,7	0,0	0,1	0,2	1,4
► Estâncias de larebrina, de pinheiro ou provenientes da fáb. de pasta de papel	2.966	4.303	4.827	8.280	0,2	0,2	0,2	0,0	0,0	0,0	12,2	71,5	0,0	0,0	0,0	0,1
► Outros produtos químicos	1.501	381	486	508	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	27,5	4,6	0,0	0,0	0,0	0,0
Mobiliário de madeira	350.370	383.277	405.448	452.116	15,8	13,2	11,4	1,2	1,1	1,1	6,8	10,4	0,1	0,5	0,1	0,8
► Assentos mesmo transformáveis em camas e suas partes	41.070	53.855	59.852	80.113	2,2	1,9	2,0	0,2	0,2	0,2	11,1	33,9	0,0	0,1	0,1	0,4
► Móveis de madeira e suas partes	309.300	329.422	345.597	372.003	13,6	11,3	9,4	1,0	1,0	0,9	6,1	6,4	0,1	0,4	0,1	0,4

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Comércio Internacional do INE



Em 2011, este segmento representou 41,3% do total das exportações da fileira, o que relativamente a 2009, se traduz um acréscimo de 15 pontos percentuais. No contexto das exportações nacionais, representou 3,9% no total e explicou 9,4% do seu crescimento no ano transacto.

A «Cortiça», ao apresentar um crescimento relativamente menos dinâmico que a média da Fileira Florestal, tem vindo a perder expressão no total. O ano de 2009 revelou-se particularmente penalizador, por força do arrefecimento da procura externa. Em 2011, é já visível uma franca recuperação, sendo no entanto ainda insuficiente para alcançar os valores registados em 2008. No contexto das exportações nacionais, mantém a sua representatividade de cerca de 2%.

No contexto internacional, é no entanto de salientar a perda de valor relativo das exportações de cortiça em cerca de 21%, que entre 2001 e 2010 revelam uma «tendência de perda de valor de mercado» (7). As razões apontadas, para além do contexto económico conjuntural, prendem-se com a perda efectiva de quota de mercado para produtos concorrentes como os vedantes para os vinhos e pela apreciação do Euro.

4.3. Mercados de Exportação da Fileira Florestal

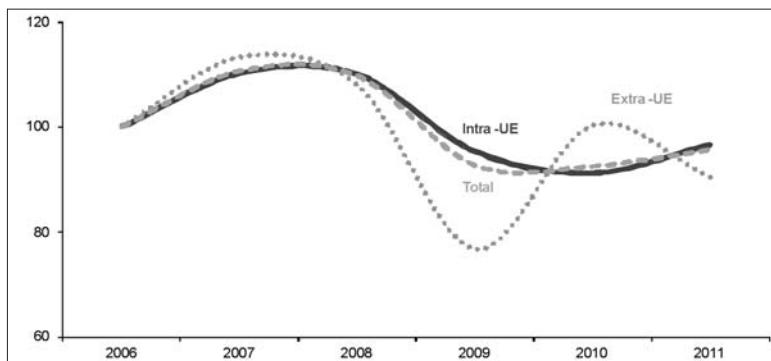
O comércio externo europeu de produtos florestais cresceu de forma acentuada entre 2000 e 2007, em particular após 2005. As exportações intracomunitárias consistem numa larga parte em Pasta de Papel e em Madeira e Produtos derivados da Madeira (Eurostat, 2008). As importações para este mercado têm um peso semelhante em termos de produtos.

A geografia do comércio externo português alterou-se radicalmente após a adesão à CEE. As trocas portuguesas que, em 1960, se dividiam entre África, o Atlântico e a Europa, reorientaram-se para a Europa Continental. O aumento do peso da Espanha e dos países comunitários foi bastante acentuado, concentrando hoje, respectivamente, quase 25,1% e 71,9% das exportações do nosso comércio externo. Segundo o Observatório dos Mercados Agrícolas e das Importações Agro-Alimentares (2009), a certificação, em particular do papel e cartão, é fundamental para a manutenção da boa imagem junto dos consumidores europeus.

Contudo, em anos mais recentes, assistiu-se a alguma diversificação das exportações para países terceiros. A Fileira Florestal não foi excepção, onde se torna evidente ao longo dos últimos anos, a consolidação de novos parceiros comerciais (Quadros 2 e 3 em Anexo).

No entanto, constata-se que o ano de 2009 causou uma quebra conjuntural do ritmo de crescimento, em particular nos mercados extra-UE, cujo ritmo de recuperação parece ainda revelar alguma instabilidade (Figura 3).

Figura 3 – Ritmo de Crescimento das Exportações dos Produtos Portugueses da Fileira Florestal para o Espaço Intra e Extracomunitário (2006=100)



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Comércio Internacional do INE.



A União Europeia (UE) é um mercado de vital importância na colocação de exportações portuguesas de produtos da Fileira Florestal. No ano de 2011 absorveu 71,9% do total, sendo responsável por 65% do crescimento das exportações (Quadro 5). No seio da UE-27, ritmo de crescimento das exportações para os mercados dos países do alargamento mais que duplicou (167%) entre 2006 e 2011. No entanto, estas representam apenas cerca de 3% do total das exportações intracomunitárias. Apesar do peso reduzido do comércio externo de Portugal com os países do alargamento antes da adesão destes à UE, os acréscimos verificados mais recentemente, subsequentes à abertura política e económica destes países, sugere a importância da exploração destes mercados de elevado potencial. Revelam também o endurecimento das condições de concorrência em muitos dos mercados tradicionais de exportação portuguesa.

O mercado extracomunitário tem vindo a registar um crescimento mais dinâmico que o da UE-27, embora não tão acelerado como nos países do alargamento.

Quadro 5 – Exportações Totais de Produtos da Fileira Florestal por Zonas Económicas de Destino

Milhões de Euros						
	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Total da Fileira Florestal	2.440	2.655	2.705	2.421	3.100	3.963
<i>Tvh (%)</i>		8,8	1,9	-10,5	28,0	27,8
Intra - UE 27 (1)	1.902	2.061	2.069	1.827	2.290	2.851
<i>Estrutura (%)</i>	78,0	77,6	76,5	75,4	73,9	71,9
<i>Tvh (%)</i>		8,3	0,4	-11,7	25,4	24,5
UE 15	1.872	2.020	2.021	1.789	2.254	2.770
<i>Tvh (%)</i>		7,9	0,0	-11,5	26,0	22,9
Países do Alargamento	31	40	48	38	36	81
<i>Tvh (%)</i>		32,6	19,8	-22,4	-3,6	124,5
Extra UE	538	594	636	594	810	1.112
<i>Estrutura (%)</i>	22,0	22,4	23,5	24,6	26,1	28,1
<i>Tvh (%)</i>		10,5	7,0	-6,6	36,2	37,3

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Comércio Internacional do INE.



O principal mercado de destino de produtos florestais portugueses é a Espanha, sendo que a partir de 2008 se verifica uma clara desaceleração do seu peso no total dos destinos portugueses de exportação (25,1% do total das exportações em 2011 contra 38,8% em 2006). A França é o segundo principal parceiro, com 14,9% em 2011, tendo vindo a manter sensivelmente o seu peso desde 2006, seguindo-se a Alemanha (10,5%). Estes três países representam sensivelmente cerca de metade da colocação de exportações portuguesas de produtos florestais no exterior (Quadro 6).

A análise do destino das exportações extracomunitárias revela ainda uma elevada concentração nos Estados Unidos da América (5,9% no total em 2011). A consolidação de novos parceiros comerciais no período considerado é bastante evidente, designadamente em Angola (3,6% em 2011 *versus* 2,7% em 2006) e China (0,9% *versus* 2%).

Adicionalmente, a redução da representatividade do conjunto dos 10 principais parceiros comerciais no total (83,7% em 2006 contra 79% em 2011) corrobora a crescente de diversificação dos mercados de exportação.

Quadro 6 – Dez Principais Mercados de Destino das Exportações de Produtos Florestais

	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2007	2008	2009	2010	2011
	Estrutura (%)						Taxa de variação (%)				
<i>Total da Fileira Florestal</i>	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	8,8	1,9	-10,5	28,0	27,8
Espanha (Inclui Ilhas Canárias)	38,8	38,7	38,0	33,5	30,2	25,1	8,5	0,0	-21,0	15,5	6,3
França	15,7	15,1	15,1	16,8	15,6	14,9	4,5	1,9	-0,3	19,2	21,7
Alemanha	7,1	6,9	7,4	8,3	8,6	10,5	5,2	10,1	-0,1	33,4	56,1
Itália	5,0	4,7	5,2	5,6	5,9	6,8	1,9	12,2	-3,4	35,9	46,0
Estados Unidos Da América	5,9	5,4	5,2	5,0	4,8	5,9	-0,7	-1,1	-15,4	24,1	55,9
Países Baixos (Holanda)	2,6	2,3	1,8	2,3	2,4	5,0	-4,0	-21,5	18,9	29,2	170,4
Reino Unido	3,8	4,3	3,8	3,7	2,4	3,7	21,9	-10,9	-11,2	-16,0	95,7
Angola	2,7	3,6	4,8	5,3	4,0	3,6	42,8	38,3	-2,4	-2,8	14,8
China	0,9	0,8	0,9	1,6	1,6	2,0	3,2	14,0	48,6	28,5	64,6
Bélgica	1,1	1,3	1,1	1,3	5,3	1,5	19,3	-13,6	12,0	412,3	-65,3
<i>Representatividade (%)</i>	83,7	83,0	83,2	83,4	80,9	79,0					

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Comércio Internacional do INE.

Notas: Países ordenados em função do seu peso relativo no total das saídas em 2010.

Considerando os vários produtos da Fileira Florestal, a «Cortiça» é aquele onde o mercado extracomunitário se reveste de maior importância relativa, absorvendo cerca de 40% das exportações do ano de 2011 (predominante para os Estados Unidos da América).

Desde 2006 que a diversificação para mercados extracomunitários, com excepção dos Produtos Químicos Resinosos é extensiva a quase todos os agrupamentos de produtos florestais patentes no Quadro 7.


Quadro 7 – Exportações de Produtos da Fileira Florestal por Zonas Económicas de Destino

	2006	2007	2008	2009	2010	2011
	Estrutura (%)					
Total da Fileira Florestal	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Intra - UE	77,96	77,61	76,48	75,45	73,88	71,95
UE-15	76,71	76,09	74,69	73,90	72,71	69,89
P. Alargamento	1,25	1,52	1,79	1,55	1,17	2,05
Extra - UE	22,04	22,39	23,52	24,55	26,12	28,05
Madeira						
Madeira em bruto e lenha	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Intra - UE	89,67	93,58	90,78	92,94	74,97	85,94
UE-15	89,67	92,30	90,78	92,84	74,97	85,84
P. Alargamento	0,00	1,28	0,00	0,00	0,00	0,10
Extra - UE	10,33	6,42	9,22	7,16	25,03	14,06
Seminação, apilamento e impregnação da madeira	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Intra - UE	90,19	89,06	88,87	91,11	82,13	79,23
UE-15	89,24	88,08	87,57	90,29	81,09	78,39
P. Alargamento	0,96	0,97	1,31	0,82	1,04	0,83
Extra - UE	9,81	10,94	11,13	8,89	17,87	20,77
Artigos de madeira	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Intra - UE	86,73	86,28	80,39	76,56	76,18	73,37
UE-15	84,37	83,51	76,22	72,88	73,58	70,74
P. Alargamento	2,36	2,76	4,17	3,66	2,56	2,63
Extra - UE	13,27	13,72	19,61	23,44	23,82	26,63
Cortiça	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Intra - UE	61,77	61,14	60,57	61,66	60,03	59,74
UE-15	59,66	58,76	57,74	59,07	57,52	57,29
P. Alargamento	2,11	2,39	2,83	2,60	2,51	2,46
Extra - UE	38,23	38,86	39,43	38,34	39,97	40,26
Pasta de papel, papel e cartão						
Pasta de Papel	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Intra - UE	92,18	91,78	95,65	90,04	88,38	83,56
UE-15	92,15	91,63	94,59	89,88	88,23	80,10
P. Alargamento	0,03	0,15	1,07	0,16	0,15	3,47
Extra - UE	7,82	8,22	4,35	9,96	11,62	16,44
Papel e cartão	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Intra - UE	85,43	84,48	82,98	80,57	77,87	71,12
UE-15	85,10	83,95	82,43	79,93	77,27	69,02
P. Alargamento	0,33	0,53	0,54	0,64	0,60	2,09
Extra - UE	14,57	15,52	17,02	19,43	22,13	28,88
Produtos químicos resinosos	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Intra - UE	86,51	85,90	91,90	95,21	93,49	93,50
UE-15	86,05	85,38	91,36	93,05	92,53	93,10
P. Alargamento	0,45	0,52	0,54	2,16	0,96	0,40
Extra - UE	13,49	14,10	8,10	4,79	6,51	6,50
Mobiliário de madeira	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Intra - UE	79,45	76,12	73,07	71,77	68,63	71,80
UE-15	79,21	75,67	72,67	71,04	68,19	71,20
P. Alargamento	0,24	0,46	0,40	0,73	0,44	0,59
Extra - UE	20,55	23,88	26,93	28,23	31,37	28,20

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Comércio Internacional do INE.

5. A Intensidade Tecnológica das Exportações da Fileira Florestal



De acordo com a classificação de produtos industriais por grau de intensidade tecnológica da OCDE (*OECD Science, Technology and Industry Scoreboard de 2003*), as exportações da Fileira Florestal apresentam um baixo conteúdo tecnológico (Quadro 8). Em 2011, 92,6% das exportações são consideradas de baixa tecnologia, enquanto apenas 3,9% são de média-alta. Contudo, a proporção exportada de produtos de média-alta tecnologia tem vindo a aumentar desde 2009, registando 4% em 2011, um valor de mais do dobro do registado em 2008.

Quadro 8 – Exportações de Produtos da Fileira Florestal por Grau de Intensidade Tecnológica

	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2011	
							Peso	Contrib. (p.p) (1)
Milhares de euros								
<i>Total da Fileira Florestal</i>	2.439.987	2.655.008	2.705.243	2.420.946	3.099.651	3.962.897	100,0	27,8
<i>Taxa de variação</i>		8,8	1,9	-10,5	28,0	27,8		
A - Alta Tecnologia	0	0	0	0	0	0	0,0	-
B - Média-Alta Tecnologia	39.307	35.403	35.132	66.257	70.582	154.358	3,9	2,7
C - Média - Baixa Tecnologia	3.565	4.510	4.115	2.271	2.229	2.732	0,1	0,0
D - Baixa Tecnologia	2.256.630	2.437.148	2.464.802	2.263.918	2.903.762	3.669.069	92,6	24,7
Res. - Residual	140.486	177.946	201.193	88.500	123.079	136.738	3,5	0,4

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Comércio Internacional do INE.

Notas: Países ordenados em função do seu peso relativo no total das saídas em 2010.

6. Indicadores de Comércio Externo

Diversos estudos que se debruçam sobre a especialização inter-industrial do comércio externo português, suportam a existência nas décadas de 70 e 80, de vantagens comparativas em bens intensivos na utilização de recursos naturais e mão-de-obra pouco qualificada (Freitas e Mamede, 2011; Conselho Económico e Social, 1999). Nas últimas décadas, as vantagens comparativas ainda se traduzem substancialmente na dependência dos sectores ligados ao têxtil, vestuário e calçado e à Fileira Florestal, como principais pólos de especialização internacional (Fernandes, 1992) e numa forte dependência das importações de máquinas, automóveis e bens com elevada incorporação tecnológica.

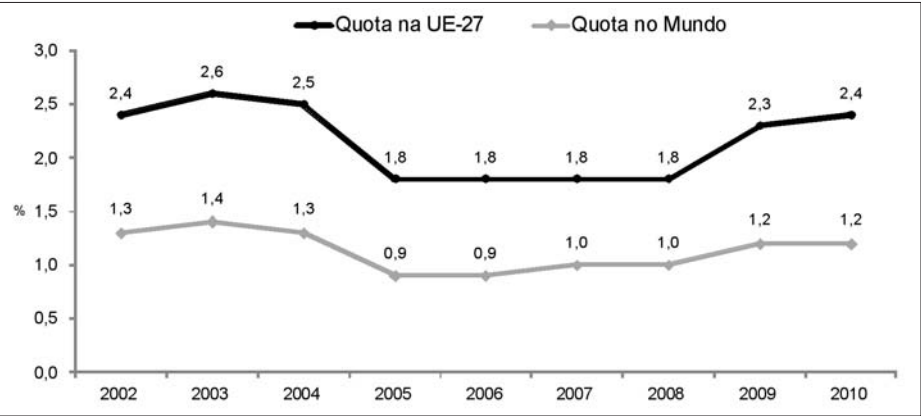
O forte aumento das trocas intra-industriais marcou a evolução do comércio europeu das décadas de 60 e 70. A evidência sobre as trocas intra-industriais no comércio externo português, nos anos 70 e primeira metade dos anos 80, mostra que estas assumiam um peso muito inferior ao registado nas trocas da generalidade dos países da União Europeia (Greenaway *et al.*, 1991; Brulhart e Elliott, 1996).

6.1. Quota de Mercado

A quota de mercado da Fileira Florestal portuguesa nos mercados mundiais tem vindo a recuperar desde 2005, atingindo os níveis de 2002 (Figura 2). Em 2010, a quota de exportação saldava-se em 2,4% na UE-27 e em 1,2% no mundo, valores aproximados aos registados em 2002 (Figura 4).



Figura 4 – Quota de Mercado da Fileira Florestal na UE-27 e no Total das Exportações Mundiais



Fonte: Elaboração própria a partir de dados de base do comércio internacional da ONU – Comtrade.

Quadro 9 – Quota de Mercado da Fileira Florestal em Países da União, Ordenação por 2010

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Alemanha	18,5	17,8	18,1	20,0	20,3	20,1	20,5	21,0	20,6
Suécia	10,4	10,4	10,1	10,0	9,9	9,7	9,7	9,9	10,0
Itália	10,1	9,7	9,7	9,5	9,3	9,4	9,3	9,2	9,0
Finlândia	9,7	9,4	9,2	8,1	8,7	8,2	7,6	6,9	7,4
Polónia	4,3	4,9	5,3	5,7	5,9	6,2	6,6	6,7	7,2
França	8,0	8,0	7,7	7,7	7,4	7,2	7,3	7,2	6,7
Austria	5,9	6,0	6,0	5,7	5,7	5,9	5,8	5,8	5,6
Bélgica	5,9	5,8	6,1	5,9	5,7	5,6	5,7	5,5	5,4
Holanda	4,1	4,4	4,2	4,2	4,3	4,2	4,1	4,2	4,3
Espanha	4,0	4,0	4,0	4,0	4,0	4,0	4,1	4,1	4,1
Reino Unido	4,0	3,9	3,7	3,7	3,5	3,4	3,3	3,1	3,1
Rep. Checa	2,6	2,2	2,3	2,6	2,7	2,9	3,0	3,0	3,0
Portugal	2,4	2,6	2,5	1,8	1,8	1,8	1,8	2,3	2,4
Dinamarca	2,6	2,5	2,4	2,3	2,2	2,1	2,0	1,9	1,7
Eslováquia	1,0	1,1	1,2	1,4	1,4	1,5	1,6	1,9	1,6
Roménia	1,1	1,2	1,3	1,4	1,4	1,4	1,4	1,5	1,6
Hungria	1,2	1,3	1,3	1,3	1,3	1,3	1,4	1,4	1,4
Eslovénia	1,2	1,2	1,3	1,2	1,2	1,2	1,2	1,1	1,0
Lituânia	0,5	0,6	0,6	0,7	0,7	0,8	0,8	0,8	0,9
Letónia	0,7	0,8	0,9	0,9	0,8	0,9	0,7	0,7	0,9
Estónia	0,7	0,8	0,7	0,7	0,7	0,8	0,8	0,7	0,8
Irlanda	0,4	0,5	0,5	0,5	0,5	0,4	0,4	0,4	0,4
Luxemburgo	0,3	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4
Bulgária	0,2	0,2	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3	0,2	0,3
Grécia	0,1	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2
Chipre	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Malta	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
UE-27	53,3	52,1	51,0	48,9	49,7	55,8	53,5	52,8	50,4

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados de base do comércio internacional da ONU – Comtrade.



Uma apreciação mais global, considerando a evolução da quota de mercado no período entre 2002 e 2010, para o conjunto dos países da UE-27 verifica, a par da tendência de estabilização assumida por Portugal no mercado europeu, os aumentos de quota registados sobretudo pela Alemanha e pela Polónia, e as perdas mais expressivas por parte da Finlândia, Suécia e França (Quadro 9). Em 2010 e 2009, Portugal manteve a 13ª maior quota na exportação de produtos Florestais na UE-27, (14º em 2008), onde a Alemanha é responsável pela fatia mais significativa de 20,6% do total das exportações europeias em 2010, seguida da Suécia com 10% e da Itália com 9%.

6.2. Vantagens Comparativas Reveladas da Fileira Florestal

O indicador escolhido para aferir a vantagem comparativa revelada procura expressar as vantagens relativas de custos entre diferentes países a partir das suas especializações comerciais. Sempre que um sector ou produto tiver uma maior quota na exportação nacional (peso desse produto/sector na exportação nacional) do que a sua quota no mercado mundial, considera-se que existe uma vantagem comparativa revelada. As vantagens comparativas denominam-se reveladas porque este tipo de análise não trata de aferir o potencial exportador de cada sector, mas fornece apenas uma retrospectiva, ou seja, uma análise *a posteriori* sobre os sectores que se apresentaram mais vantajosos em termos de exportação.

O Índice da Competitividade Revelada (ICR) é obtido através da seguinte fórmula:

$$ICR_i = IVCR_i = IDCR_i$$

Onde $IVCR_i$ é o índice da vantagem comparativa revelada para o bem i e $IDCR_i$ é o índice da desvantagem comparativa revelada para o bem i .

As fórmulas aplicadas para o cálculo do IVCR e IDCR são as seguintes:

$$IVCR_i = \frac{\frac{X_{i,Portugal}}{\sum X_{Portugal}}}{\frac{X_{i,Mundo}}{\sum X_{Mundo}}} \quad e \quad IDCR_i = \frac{\frac{M_{i,Portugal}}{\sum M_{Portugal}}}{\frac{M_{i,Mundo}}{\sum M_{Mundo}}}$$

Onde $X_{i,Portugal}$ é a exportação portuguesa do bem i , $\sum X_{i,Portugal}$ a exportação total de Portugal, $X_{i,Mundo}$ a exportação mundial do bem i e $\sum X_{Mundo}$ a exportação total do Mundo.

$M_{i,Portugal}$ é a importação portuguesa do bem i , $M_{i,Mundo}$ é a importação mundial do bem i , $\sum M_{Portugal}$ é a importação total de Portugal e $\sum M_{Mundo}$ é a importação total do Mundo.

Se o $IVCR_i > 1$, existem vantagens comparativas reveladas na exportação do bem i e vice-versa. Se o, $IDCR_i > 1$, existem desvantagens comparativas reveladas na importação do bem i e vice-versa.

Para o efeito de cálculo destes índices, adoptou-se a Nomenclatura Internacional para o Comércio Internacional (NC) com desagregação a dois dígitos, a partir dos dados da COMTRADE das Nações Unidas.

A este nível de agregação, a Fileira Florestal obtém um IVCR de 3,6, acima de 1 (Quadro 10), revelando ser o quarto agrupamento de produtos com maior vantagem comparativa revelada (Quadro 11).



Quadro 10 – Dez Principais Mercados de Destino das Exportações de Produtos Florestais

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Média*
IVCR	2,7	3,0	2,5	2,3	2,4	2,4	2,6	3,4	3,6	2,7
IDCR	1,2	1,2	1,0	1,1	1,2	1,2	1,3	1,2	1,4	1,2
ICR	1,6	1,8	1,5	1,1	1,2	1,1	1,3	2,1	2,2	1,6

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados de base do comércio internacional da ONU – Comtrade.
Nota: * Média dos índices anuais IVCR e IDCR, Média ICR: diferença entre os valores médios de IVCR e IDCR.

Considerando a desagregação da Fileira Florestal por grandes agrupamentos da NC, observa-se que a «Madeira, Carvão e Cortiça» estão em segundo lugar e a «Pasta de Madeira, Papel e Cartão» em quarto (terceiro se for excluída a categoria da Fileira Florestal).

Quadro 11 – Vantagem Comparativa Revelada por Grandes Agrupamentos (Secções da NC) do Comércio Internacional Português, Ordenados por 2010

	Secções da N.C.	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
XII	Calçado, Chapéus e Outros Artefactos	6,8	6,4	5,0	5,7	5,5	5,4	5,4	5,4	5,2
IX	Madeira, Carvão e Cortiça	4,3	4,5	3,6	4,4	3,4	4,7	5,4	4,9	4,8
XII	Pedra, Cimento, Cerâmicas e Vidro	3,0	3,2	2,7	3,5	5,5	3,6	3,8	4,3	3,9
	Fileira Florestal	2,7	3,0	2,5	2,3	2,4	2,4	2,6	3,4	3,6
X	Pastas de Madeira, Papel e Cartão	1,9	2,1	1,7	2,3	0,4	1,8	2,1	2,7	3,2
XI	Têxteis	3,3	2,9	2,3	2,7	3,3	2,7	2,7	2,5	2,5
IV	Produtos Alimentares, Bebidas e Tabaco	1,5	1,5	1,3	1,8	4,3	2,1	2,2	2,2	2,1
VII	Plásticos e Borracha	0,9	1,0	0,9	1,2	0,4	1,3	1,5	1,5	1,6
I	Produtos do Reino Animal	0,8	0,8	0,8	1,0	0,6	1,2	1,3	1,4	1,6
III	Gorduras e Óleos	1,4	1,2	1,1	1,8	1,2	2,2	2,6	1,4	1,5
XX	Armas e Munições	1,3	2,1	1,6	1,9	0,2	1,3	1,6	2,1	1,4
XVI	Material de Transporte	1,1	1,2	1,0	1,2	0,1	1,1	1,1	1,2	1,2
XV	Metais Comuns e Outros	0,9	0,9	0,8	1,0	4,5	1,0	1,1	1,1	1,1
II	Produtos do Reino Vegetal	0,5	0,5	0,5	0,7	0,9	0,7	0,6	0,7	0,7
XVI	Máquinas e Material Eléctrico	0,7	0,7	0,6	0,7	0,0	0,7	0,8	0,7	0,6
V	Produtos Minerais	0,3	0,3	0,3	0,4	0,2	0,6	0,5	0,5	0,6
VI	Produtos Químicos	0,5	0,5	0,4	0,6	0,9	0,5	0,5	0,5	0,5
VIII	Pele e Couros	0,5	0,4	0,3	0,4	6,0	0,5	0,5	0,5	0,5
XXI	Objectos de Arte e Antiguidades	0,1	0,1	5,4	0,1	0,0	0,6	0,4	0,5	0,4
XVIII	Fotografia e Aparelhos Ópticos	0,3	0,3	0,2	0,3	0,8	0,3	0,3	0,3	0,3
XIV	Pérolas, Metais Preciosos e Bijuteria	0,1	0,2	0,1	0,1	0,0	0,1	0,1	0,2	0,2
XX	Mercadorias e Produtos Diversos	1,0	1,3	1,2	1,4	0,1	0,1	0,1	0,2	0,1

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados de base do comércio internacional da ONU – Comtrade.
Nota: A Fileira Florestal engloba diversos Produtos da secção «Pastas de Madeira, Papel e Cartão» bem como «Madeira, Carvão e Cortiça», também estes com um saldo comercial bastante expressivo. Ou seja, a comparação da Fileira Florestal com estas duas secções deve ser feita considerando que estas contêm produtos comuns.

Considerando agora o conjunto de 158 países presentes na Base de Dados das Nações Unidas para o ano de 2010, verifica-se que Portugal está posicionado em sétimo lugar no índice de maiores vantagens comparativas reveladas da Fileira Florestal (Quadro 12). Nas posições cimeiras estão essencialmente países do Norte da Europa, extensamente arborizados e com tradição de produção de produtos de origem florestal, nomeadamente a Finlândia, Letónia, Bósnia, Suécia e Estónia. O Brasil aparece posicionado apenas em 25.º lugar, a Itália em 30.º, a Espanha em 40.º e a França em 47.º lugar (Dores e Sarmento, 2011).

Quadro 12 – Ranking dos 10 Países com Maior Vantagem Comparativa na Fileira Florestal em 2010

Rank	Países	2010
1	Finlândia	7,6
2	Letónia	7,3
3	Bósnia Herzegovina	6,0
4	Estónia	4,7
5	Suécia	4,6
6	Nova Zelândia	3,6
7	Portugal	3,6
8	Polónia	3,2
9	Lituânia	3,2
10	Eslovénia	3,2

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados de base do comércio internacional da ONU – Comtrade.

6.3. Índice de Balassa

O indicador de Balassa é tradicionalmente utilizado para calcular a existência de comércio intra-industrial. O comércio intra-industrial consiste no comércio, exportação e importação entre dois ou mais países de produtos de um mesmo segmento industrial. No comércio inter-industrial, o intercâmbio é efectuado entre diferentes indústrias ou sectores de actividade. Formalmente, Grubel e Lloyd definiram o comércio intra-industrial como «o valor das exportações de uma indústria que é exactamente compensado por importações da mesma indústria» (Grubel e Lloyd, 1973, p. 20).

Este indicador baseia-se no cálculo da Balança Comercial em valor absoluto por produto ou grupo de produtos em proporção do total de comércio desse produto ou grupo de produtos. Por outras palavras, mede a proporção de comércio inter-industrial relativamente ao comércio total.

É dado pela fórmula: $I_B = \frac{|X_i - M_i|}{X_i + M_i}$.

Um indicador próximo de 100 indicia a existência de comércio predominantemente inter-industrial e próximo 0, predominantemente intra-industrial. Para facilitar a comparação, o indicador é apresentado como uma taxa.

O Quadro 13 apresenta o cálculo deste indicador, entre 2002 e 2010, para várias categorias de produtos do comércio internacional por capítulos da NC. Verifica-se que os valores se aproximam mais de uma caracterização de comércio predominantemente intra-industrial para a Fileira Florestal. Em 2010, o índice de Balassa retorna sensivelmente aos valores de 2002 (22,3%), após quatro anos (entre 2005 e 2008), onde a proporção de comércio intra-industrial foi ainda mais elevada. Dos sectores tradicionais, apenas os têxteis apresentam em 2010 um índice de Balassa inferior ao do conjunto da Fileira.

No entanto, a agregação deste indicador no conjunto agregado da Fileira Florestal, esconde algumas discrepâncias existentes entre os diferentes produtos. Por exemplo, na cortiça o comércio é marcadamente inter-industrial, conforme ilustrado por Barradas (2002), entre 1970 e o ano 2000, tendo nos últimos anos diminuído um pouco a sua intensidade. Dada a inovação tecnológica e diversificação de produtos neste sector, acredita-se que o índice de Balassa tenderá a privilegiar cada vez mais o comércio intra-industrial. Por outro lado, no sector da Madeira, em particular da Transformada, onde existe visivelmente maior importação e exportação simultânea de produtos semelhantes, predomina o comércio intra-industrial, em particular após 1995 (Barradas, 2002).



Quadro 13 – Evolução do Índice de Balassa entre 2002 e 2010 por Grandes Agrupamentos (Secções da NC)

		2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
	Fileira Florestal	22,3%	27,8%	26,4%	12,6%	14,3%	12,5%	12,3%	24,2%	22,3%
I	Produtos do Reino Animal	61,9%	61,7%	59,2%	57,8%	59,5%	57,4%	52,1%	52,1%	44,6%
II	Produtos do Reino Vegetal	66,2%	65,9%	63,5%	61,3%	59,5%	62,8%	64,4%	54,8%	56,2%
III	Gorduras e Óleos	13,5%	25,3%	20,8%	20,2%	18,7%	13,8%	4,1%	15,3%	17,6%
IV	Produtos Alimentares, Bebidas e Tabaco	17,3%	15,3%	17,4%	9,8%	5,3%	2,2%	2,2%	2,5%	2,2%
V	Produtos Minerais	71,9%	67,7%	63,4%	62,9%	53,8%	54,2%	56,5%	52,4%	45,8%
VI	Produtos Químicos	54,0%	51,8%	50,4%	46,9%	47,7%	45,7%	50,9%	55,9%	51,2%
VII	Plásticos e Borracha	31,1%	24,2%	20,9%	18,5%	15,1%	14,4%	12,0%	11,5%	6,9%
VIII	Peles e Couros	68,0%	70,5%	71,0%	69,1%	64,8%	68,2%	67,9%	69,5%	66,9%
IX	Madeira, Carvão e Cortiça	33,7%	37,6%	38,1%	35,4%	38,5%	35,3%	36,2%	35,6%	31,1%
X	Pastas de Madeira, Papel e Cartão	5,3%	8,4%	6,0%	7,0%	9,8%	2,6%	2,9%	11,2%	22,3%
XI	Têxteis	21,2%	20,1%	18,2%	15,8%	14,3%	12,5%	10,6%	8,9%	6,4%
XII	Calçado, Chapéus e Outros Artefactos	57,4%	55,7%	52,5%	48,5%	45,5%	41,4%	40,7%	41,9%	41,3%
XIII	Pedra, Cimento, Cerâmicas e Vidro	25,6%	28,6%	31,1%	22,7%	28,4%	30,8%	30,0%	31,9%	35,2%
XIV	Pérolas, Metais Preciosos e Bijuteria	62,4%	50,4%	46,4%	47,3%	51,9%	55,2%	45,3%	2,5%	16,7%
XV	Metais Comuns e Outros	36,9%	33,1%	31,9%	29,0%	27,9%	26,6%	26,4%	23,1%	21,2%
XVI	Máquinas e Material Eléctrico	24,5%	22,7%	26,0%	26,1%	21,3%	20,5%	23,3%	30,8%	25,7%
XVII	Material de Transporte	17,0%	11,9%	16,9%	17,9%	15,3%	17,5%	21,5%	24,8%	27,5%
XVIII	Fotografia e Aparelhos Ópticos	56,4%	50,4%	53,3%	59,7%	57,3%	56,6%	56,7%	54,1%	50,4%
XIX	Armas e Munições	11,4%	2,3%	3,5%	1,5%	1,6%	8,1%	1,8%	9,6%	18,5%
XX	Mercadorias e Produtos Diversos	19,0%	7,6%	6,1%	11,2%	9,9%	7,4%	7,8%	7,7%	2,7%
XXI	Objectos de Arte e Antiguidades	77,2%	90,1%	18,5%	13,1%	4,8%	56,0%	47,1%	9,1%	17,0%

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados de base do comércio internacional da ONU – Comtrade.

Grubel e Lloyd (1975) corrigiram a insuficiência do indicador de Balassa, que atribui o mesmo peso a todos os setores, incorporando uma média ponderada pelo peso do comércio de cada setor no comércio total. A análise deste indicador confirma os resultados encontrados anteriormente para o índice de Balassa, onde se identifica um reforço da especialização intra-industrial em particular entre 2005 e 2008.

7. Análise Sintética de Competitividade

É reconhecida a falta de concordância em torno de uma definição de competitividade. Habitualmente, os economistas fazem uso de uma panóplia de indicadores como medidas de competitividade nacional (e.g. Global Competitiveness Report 2012-2013 do World Economic Forum e IMD World Competitiveness Yearbook). Uma análise da competitividade da Fileira Florestal tem de recorrer necessariamente a mais instrumentos e mais elaborados. O que se oferece nesta secção é uma apreciação a nível internacional de um conjunto de indicadores fundamentais de comércio externo, que permite avaliar o desempenho comparativo recente da Fileira, e que perfaz uma medida mais «tosca» de «competitividade». A «competitividade» relativa da Fileira Florestal portuguesa em 2010 é comparada com a existente em 2002, sendo apreciada com base em indicadores tradicionais, como o peso das exportações no PIB, a taxa de cobertura, a quota mundial das exportações de cada país e a vantagem comparativa revelada.

De acordo com a informação do Quadro 14, em 2010, o Canadá cede a sua posição de líder mundial em 2002, à China, que se tornou responsável por 10,6% das exportações mundiais de produtos da Fileira Florestal. Em apenas 8 anos, a China revelou um acréscimo substancial de quota de mercado (7,1 p.p.), o maior registado no conjunto dos países representado, sendo a sua taxa de crescimento médio anual das exportações, a mais elevada (23,1%).

Apesar de ocupar o 22.º lugar no ranking de quotas nos mercados mundiais de exportação, Portugal regista uma taxa de cobertura de 156,8% em 2010, acima da larga maioria dos principais parceiros da Fileira. O mesmo sucede relativamente ao índice de vantagens comparativas reveladas para estes produtos (3,6), apenas superado por cinco países europeus, Finlândia, Suécia, Letónia, Estónia e Bósnia-Herzegovina.



Quadro 14 – Comparações Internacionais da Fileira Florestal. Países Ordenados pela Quota Mundial das Exportações em 2010

	Exportações (milhões de \$US)		% nas Exportações do País	Peso das Exp. no PIB (%)	Taxa de cobertura (%)		TCMA das Exportações (%)	Quota Mundial (%) (Exportações)		VCR (Mundo)
	2002	2010			2002	2010		2002	2010	
China	7.855	41.412	0,0	0,7	73,3	130,8	23,1	3,5	10,6	1,0
Alemanha	22.355	40.555	0,0	1,2	106,1	115,0	7,7	9,8	10,4	1,2
EUA	22.729	36.762	0,0	0,3	47,6	66,1	6,2	10,0	9,4	1,1
Canadá	31.347	27.686	0,1	1,8	377,6	203,1	-1,5	13,8	7,1	2,6
Suécia	12.591	19.752	0,1	4,3	435,5	348,5	5,8	5,5	5,1	4,6
Itália	12.197	17.656	0,0	0,9	132,9	114,5	4,7	5,4	4,5	1,4
Finlândia	11.758	14.494	0,2	6,1	803,0	522,1	2,6	5,2	3,7	7,6
Polónia	5.222	14.082	0,1	3,0	217,2	198,7	13,2	2,3	3,6	3,2
França	9.739	13.257	0,0	0,5	74,4	58,3	3,9	4,3	3,4	0,9
Áustria	7.115	11.020	0,1	2,9	174,5	146,1	5,6	3,1	2,8	2,8
Bélgica	7.120	10.552	0,0	2,3	104,2	93,0	5,0	3,1	2,7	0,9
Brasil	4.361	9.517	0,0	0,5	616,7	413,7	10,2	1,9	2,4	1,8
Rússia	4.493	9.131	0,0	n.d.	277,9	145,5	9,3	2,0	2,3	0,8
Holanda	4.977	8.428	0,0	1,1	74,3	77,4	6,8	2,2	2,2	0,6
Espanha	4.823	8.165	0,0	0,6	80,7	86,7	6,8	2,1	2,1	1,2
Malásia	4.508	7.457	0,0	3,1	324,6	247,6	6,5	2,0	1,9	1,4
Reino Unido	4.799	6.103	0,0	0,3	33,1	29,2	3,1	2,1	1,6	0,6
Japão	2.910	5.971	0,0	0,1	23,0	31,3	9,4	1,3	1,5	0,3
Rep. Checa	3.106	5.941	0,0	3,1	145,1	149,3	8,4	1,4	1,5	n.d.
México	4.280	5.535	0,0	0,5	82,5	65,8	3,3	1,9	1,4	0,7
Chile	2.263	4.932	0,1	2,4	458,9	373,1	10,2	1,0	1,3	2,5
Portugal	2.892	4.689	0,1	2,0	166,1	156,8	6,2	1,3	1,2	3,6
Indonésia	0	4.493	0,0	0,6	0,0	163,0	n.d.	0,0	1,2	1,0
Tailândia	2.152	4.150	0,0	1,3	156,6	135,4	8,6	0,9	1,1	0,8
Dinamarca	3.105	3.260	0,0	1,1	111,9	76,2	0,6	1,4	0,8	1,2
Suíça	2.464	3.239	0,0	0,6	67,2	46,4	3,5	1,1	0,8	0,6
Eslováquia	1.254	3.219	0,0	3,7	188,7	144,8	12,5	0,6	0,8	1,8
Roménia	1.334	3.155	0,1	2,0	257,2	170,4	11,4	0,8	0,8	2,3
Nova Zelândia	1.754	3.057	0,1	2,2	338,4	295,0	7,2	0,8	0,8	3,6
Turquia	605	2.845	0,0	0,4	46,8	57,4	21,3	0,3	0,7	0,9
Hungria	1.491	2.680	0,0	2,1	108,0	123,4	7,6	0,7	0,7	1,0
Hong Kong	3.826	2.509	0,0	1,1	92,4	74,7	-5,1	1,7	0,6	0,2
África do Sul	1.403	2.306	0,0	0,6	224,4	135,9	6,4	0,6	0,6	1,2
Austrália	1.217	2.287	0,0	0,2	49,4	41,1	8,2	0,5	0,6	0,4
Eslovénia	1.459	2.027	0,1	4,2	240,6	141,3	4,2	0,6	0,5	3,1
Noruega	1.505	1.980	0,0	0,5	69,1	46,9	3,5	0,7	0,5	0,5
Lituânia	562	1.821	0,1	5,0	209,3	209,3	15,8	0,2	0,5	3,2
Letónia	898	1.771	0,2	7,4	377,2	361,7	8,9	0,4	0,5	7,3
Singapura	726	1.677	0,0	0,8	65,9	71,8	11,0	0,3	0,4	0,2
Estónia	855	1.635	0,1	8,5	321,7	262,7	8,4	0,4	0,4	4,7
Ucrânia	0	1.626	0,0	1,2	0,0	87,0	n.d.	0,0	0,4	1,2
Filipinas	0	1.392	0,0	0,7	0,0	144,4	n.d.	0,0	0,4	1,0
Índia	0	1.359	0,0	0,1	0,0	32,7	n.d.	0,0	0,3	0,2



Quadro 14 – Comparações Internacionais da Fileira Florestal. Países Ordenados pela Quota Mundial das Exportações em 2010 (continuação)

	Exportações (milhões de \$US)		% nas Exportações do País	Peso das Exp. no PIB. (%)	Taxa de cobertura (%)		TCMA das Exportações (%)	Quota Mundial (%) (Exportações)		VCR (Mundo)
	2002	2010			2002	2010		2002	2010	
Arábia Saudita	299	1.175	0,0	0,3	27,4	33,5	18,6	0,1	0,3	0,2
Croácia	457	986	0,1	1,6	79,6	99,6	10,1	0,2	0,3	3,0
Argentina	627	941	0,0	0,3	160,5	60,7	5,2	0,3	0,2	0,5
Belorússia	480	889	0,0	1,6	184,3	120,8	8,0	0,2	0,2	1,3
Egipto	0	825	0,0	0,4	0,0	32,5	n.d.	0,0	0,2	1,1
Bosnia Herzegovina	0	794	0,2	4,8	n.d.	205,3	n.d.	0,0	0,2	6,0
Irlanda	543	753	0,0	0,4	37,4	42,6	4,2	0,2	0,2	0,2
Luxemburgo	392	741	0,1	1,3	83,2	80,7	8,3	0,2	0,2	1,9
Bulgária	236	635	0,0	1,3	98,5	89,8	13,2	0,1	0,2	1,1
Colômbia	315	621	0,0	0,2	75,5	58,4	8,8	0,1	0,2	0,6
Sérvia	0	551	n.d.	1,5	n.d.	74,5	n.d.	0,0	0,1	2,1
Ngéria	0	489	0,0	0,2	0,0	43,0	n.d.	0,0	0,1	0,2
Grécia	177	383	0,0	0,1	14,9	18,2	10,2	0,1	0,1	0,6
Israel	145	356	0,0	0,2	15,7	20,2	11,9	0,1	0,1	0,2
Camarões	0	314	0,1	1,4	0,0	273,7	n.d.	0,0	0,1	3,0
Costa Rica	0	294	0,0	0,8	0,0	46,6	n.d.	0,0	0,1	1,2
Peru	141	293	0,0	0,2	48,2	31,9	9,6	0,1	0,1	0,3
Tunísia	106	281	0,0	0,6	38,1	42,8	13,0	0,0	0,1	0,6
Jordânia	99	275	0,0	1,0	52,7	47,0	13,6	0,0	0,1	1,4
Equador	89	262	0,0	0,5	50,6	53,2	14,5	0,0	0,1	0,5
Libano	81	238	0,1	0,6	31,1	36,6	14,5	0,0	0,1	2,0
Guatemala	76	234	0,0	0,6	25,6	37,5	15,1	0,0	0,1	1,0
El Salvador	128	232	0,1	1,1	63,6	63,5	7,7	0,1	0,1	1,9
Marrocos	126	225	0,0	0,2	28,0	19,5	7,6	0,1	0,1	0,5
Gana	0	211	0,0	0,7	0,0	115,5	n.d.	0,0	0,1	1,5
OCDE (34)	188.038	284.046	3,3	0,7	92,4	96,5	5,3	82,8	72,8	1,2
UE-27	121.024	196.801	3,3	1,2	110,4	111,8	6,3	53,3	50,4	1,4
Zona Euro (17)	87.681	143.520	3,6	0,9	109,9	109,0	6,4	38,6	36,8	1,3
Mundo	227.075	390.305	2,5	n.d.			7,0	100,0	100,0	1,0

8. Comentários Finais

A Fileira Florestal assume grande importância em termos económicos e sociais, não só pelo seu contributo para o PIB nacional, Valor Acrescentado Bruto e para o emprego mas também pelo seu importante contributo para o crescimento das exportações portuguesas. Os produtos Florestais apresentam um peso relativamente mais significativo nas exportações de bens do que na maioria dos agregados macroeconómicos das Contas Nacionais (Dores e Sarmento 2011). Em 2011, representaram 9,4% das exportações totais de bens, superiores ao valor de 2010 (10,2%), (Figura 1). Esta é efectivamente uma indústria com forte pendor exportador, responsável por uma parte importante do comércio externo português.

A Balança Comercial florestal tem sido tradicionalmente positiva, apresentando das maiores taxas de cobertura das importações pelas exportações. Em 2011, a taxa de cobertura atingiu 203,5%, mais do dobro da média nacional, com um crescimento das exportações oito vezes superior ao das importações. A melhoria do saldo da Balança Comercial, mais pronunciada desde 2010, reflecte principalmente uma viragem significativa no segmento do «Papel e Cartão», onde Portugal é produtor de referência.



Apesar de algumas fragilidades que decorrem da sua considerável abertura comercial e exposição à conjuntura internacional, a Fileira Florestal, tem vindo a afirmar a sua competitividade e capacidade de adaptação ao actual contexto de crescente globalização económica. É evidente o esforço de valorização dos activos nacionais para reduzir designadamente a dependência relativamente à volatilidade dos preços das matérias-primas nos mercados internacionais, num contexto de descida do valor unitário de mercado de diversas matérias-primas da produção lenhosa florestal nacional (Direcção Geral dos Recursos Florestais, 2006; Associação Empresarial de Portugal, 2008; Anastácio e Carvalho, 2008).

O aspecto de maior repercussão no sector florestal português terá sido a internacionalização das economias à escala global. O avanço da globalização dos mercados e da produção tem motivado a entrada de concorrentes oriundos dos países asiáticos e da Europa de Leste, possuidores de vantagens competitivas significativas, como o custo da mão-de-obra e um domínio tecnológico já considerável, contribuindo para aumentar a relevância das economias emergentes na produção e fornecimento de bens industriais. Mas se por um lado existe uma intensificação da concorrência à escala global, por outro assiste-se ao alargar do conjunto de potencialidades associado à diversificação de mercados e de diversidade de produtos. Apesar da forte e crescente concorrência externa, a Fileira Florestal portuguesa tem conseguido afirmar e manter a quota externa na UE e no mundo.

Em alguns subsegmentos, verifica-se porém que a produção nacional não é porém suficiente para satisfazer a procura de produtos transformados, nomeadamente a orientada para exportação. Isto relaciona-se com a grande capacidade instalada de transformação em alguns segmentos, como no caso da pasta de papel, que se tornou superior à actual capacidade produtiva a nível nacional. O estímulo à produção florestal nacional é portanto totalmente justificado e pode ser canalizado não só para a satisfação da procura interna, como para a substituição de importações, criando oportunidades acrescidas para o desenvolvimento económico local, conduzindo a maior sustentabilidade da exploração dos recursos endógenos de várias regiões e a impactos mais alargados, designadamente através da criação de emprego e da fixação das populações em regiões mais periféricas e afastadas do litoral.

Mantém-se no entanto a necessidade de não restringir a importação de matérias-primas, aspecto fundamental para que não se coloquem constrangimentos ao crescimento da Fileira, que deve ser igualmente acompanhada por uma maior integração nos mercados internacionais, em particular nas cadeiras de valor e abastecimento globais, que conduzam a um *upgrading* progressivo do seu posicionamento competitivo.

Num contexto de acrescida concorrência internacional, o potencial de diferenciação dos produtos portugueses provenientes da Floresta deve ser explorado, através, por exemplo, da criação de novas sub-fileiras e/ou de novos produtos nas fileiras tradicionais, reforçando igualmente a customização da oferta, de modo a adaptá-la cada vez mais às especificidades do perfil de clientes, através de um aprofundamento da flexibilidade produtiva e da valorização da disponibilização de novas soluções. Para tal, é necessário assegurar, para além da aposta na qualidade dos recursos naturais e da preservação da sua especificidade (como por exemplo, no caso do Sobreiro), uma contínua modernização e racionalização das operações de exploração e pós-colheita dos produtos, que culmine numa oferta diferenciada de nicho, associada a produtos de elevado valor acrescentado, certificada e, em simultâneo, que permita fazer face à concorrência crescente de economias emergentes que têm a sua competitividade assente no baixo custo. A Fileira Florestal portuguesa possui indiscutivelmente condições ímpares para beneficiar de uma participação mais significativa nas vantagens económicas decorrentes do processo de internacionalização e globalização das trocas comerciais a nível mundial.



Referências bibliográficas

- Anastácio, D.; Carvalho, J. B. (2008) *Sector dos Resinosos em Portugal, Evolução e Análise*, Direcção Geral dos Recursos Florestais.
- Associação para a Competitividade da Indústria Florestal (2010) *Relatório de caracterização da indústria da Fileira Florestal*.
- Associação Empresarial de Portugal (2008) *Sector Florestal*, Gabinete de Estudos, Câmara de Comércio e Indústria.
- Barradas, Susana (2002) *Evolução do Comércio Externo Agro-Florestal em Portugal*, Gabinete de Planeamento e Política Agroalimentar, Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas.
- Bruhrt, M.; Elliott, R. J. R (1996) Adjustment to the European Single Market: Inferences from Intra-Industry Trade Patterns, CREDIT Research Paper 96/15, Centre for Research in Economic Development and International Trade, University of Nottingham.
- Cork Information Bureau (2010) *Cortiça, Cultura, natureza, futuro – Cortiça em números*, Associação Portuguesa da Cortiça.
- Conselho Económico e Social (1999) *Contributo do Comércio Externo para o crescimento económico português, 1960-1993*.
- Devy-Vareta, N. (1985) Para uma geografia histórica da Floresta portuguesa. As matas medievais e a «coutada velha» do rei, *Revista da Faculdade de Letras, Geografia*, I, 47-87, Porto.
- Direcção Geral dos Recursos Florestais (2006) *Estratégia Nacional para as Florestas*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Divisão de Estudos e Informação (2007) *Análise da Evolução do Comércio Externo de Produtos Florestais*, Direcção de Geral dos Recurso Florestais.
- Dores, V.; Sarmento, E. de Moraes (2011) Evolução recente da Fileira Florestal: Parte I, Contexto macroeconómico e sectorial, *Boletim Mensal de Economia Portuguesa*, Ministério da Economia, Inovação e Desenvolvimento e Ministério das Finanças, dezembro.
- Eurostat, *Forest-based industries*, (2008).
- Ferreira do Amaral, J. (2006) Evolução do Comércio Externo Português de Exportação (1995 - -2004), *GEE Papers* n.º 1, Gabinete de Estratégia e Estudos, Ministério da Economia e da Inovação.
- Fernandes, L. (1992) *A Especialização da Economia Portuguesa*, Ministério do Planeamento e Administração do Território, SEPDR, DCP, Lisboa.
- Freitas, M. L.; Mamede, R. P. (2011) *Structural transformation of Portuguese exports and the role of foreign-owned firms: A descriptive analysis for the period 1995-2005*, *Notas Económicas*, 33, 20-43.
- Greenaway, D.; Hine, R. C. (1991) Intra-industry specialization, Trade Expansion and Adjustment in the European Space, *Journal of Common Market Studies*, XXIX, 603-622.
- Grubel, H. G.; Lloyd, P. J. (1973) *Intra-industry trade: the theory and measurement of international trade in differentiated products*, Wiley, New York.
- Grubel, H. G.; Lloyd, P. J. (1975) *Intra-industry trade*, Macmillan, London.
- Leão, J.; Alves, R. P. (2011) Valor acrescentado em território nacional das exportações portuguesas, *Boletim Mensal de Economia Portuguesa*, 3/2011, Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento e Ministério das Finanças e da Administração Pública.

Louro, G. et al. (2010) A Fileira do Papel e do Cartão e a Fileira das Embalagens: Análise de Contexto, *Silva Lusitana*, 18(1), 1-26, Junho.

Marques, W., (2010a) Evolução da Balança Comercial portuguesa dos produtos da Fileira Florestal 2005-2009, *Boletim Mensal de Economia Portuguesa*, 6/2010, Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento e Ministério das Finanças e da Administração Pública.

Marques, W., (2010b) Comércio Internacional português de produtos da Fileira Florestal: em números, Gabinete de Estratégia e Estudos, Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, documento interno.

Martins, H. (2007) Comércio internacional de pasta de papel, papel, cartão e seus artigos, *Boletim Mensal do Comércio Internacional* 7/2007, Ministério da Economia e da Inovação.

Observatório dos Mercados Agrícolas e das Importações Agro-Alimentares (2009) *Evolução da Balança de Pagamentos do sector Florestal entre 2000 e 2008*, Dezembro.

Pestana, M.; Tinoco, I. (2009) A Indústria e o Comércio da Cortiça em Portugal Durante o Século XX, *Silva Lusitana*, 17(1), 1-26.

Sarmento, E. de M. (2007) O sector da cortiça, *Boletim Mensal de Actividade Económica*, Gabinete de Estratégia e Estudos, Ministério da Economia e da Inovação.

Valverde, S. R. et al. (1999) Impactos dos diferentes acordos de liberalização do comércio internacional no setor Florestal brasileiro, *Scientia Forestalis*, 55, 117-128, junho (1999).

UNECE e FAO (2005) *European Commission Forestry sector Outlook study, 1960-2000-2020, Main report*, United Nations, UNECE, ECE/TIM/SP/20, Genebra.



74
75



Anexo – Lista de Códigos da NC (2011) Considerados Produtos da Fileira Florestal

(Esta listagem pode ser obtida junto da Revista ou dos autores.)